

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 16 de dezembro de 2020

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019; capítulo 2, ponto 7 com o título “A responsabilidade e a decisão” (pp. 102-105).

- *Sou feliz Senhor*
- *Nostalgija*

Gloria

Boa noite a todos! Começamos desde já o nosso trabalho sobre a Escola de Comunidade que hoje, apesar de contida em número de páginas, é de uma enorme densidade, como mostram os contributos que chegaram.

Tenho uma pergunta, aliás, tenho uma série de perguntas às quais não sei mesmo dar resposta e que acho que ninguém sabe responder. Li e reli o parágrafo 7 do capítulo 2 e até pedi ao meu grupo de Escola de Comunidade para o trabalharmos duas vezes, mas não consigo ir além da primeira linha. Giussani afirma que Deus me ama; e di-lo como um dado de facto. Acrescenta que eu sou, isto é, consisto, só porque Ele me ama. E sublinha que o que me é pedido, ou seja, o que é importante que eu faça, é “reconhecer e aceitar” que me ama. A seguir, Giussani diz que reconhecê-lo – mas reconhecê-lo verdadeiramente, com factos e não palavras – é o que me torna protagonista da minha vida e que dá gosto à minha vida. Bem, eu realmente – pensando na minha vida, em como vivo, naquilo que sinto, naquilo que desejo, no que significa sentir-me amada – não consigo mesmo perceber: como é que consigo dizer que Deus me ama? Como é que consigo ter a certeza de que Ele me ama? O que é que tenho de “reconhecer e aceitar”? Experimentei ir por exclusão de partes. Não se trata, com certeza, de um silogismo, de um raciocínio: “Deus criou-me, está a criar-me agora (a prova é que vivo), portanto ama-me”. Não deve ser isto, porque um raciocínio efetivamente não me faz sentir-me amada. Nem por sombras. Este é só um raciocínio que não altera minimamente a minha vida. Não pode ser um sentimento que tenho porque as coisas me correm bem, não pode ser que “Deus me ama porque me dá o que lhe peço”. Porque não é assim, tantas vezes as coisas vão mal ou pelo menos vão de maneira diferente daquilo que desejo. Nem sequer pode ser uma coisa como dizer “tenho amigos que me fazem sentir amada por Deus”, porque muitas vezes me sinto sozinha, apesar de estar rodeada de amigos, talvez até de bons amigos. Giussani dá o exemplo dos doze, de Pedro, e da sua relação de amizade com Jesus. Mas eu não tenho Jesus como amigo e nenhum, mesmo nenhum dos meus amigos pode ser para mim um fac-simile de Jesus. Então não sei mesmo responder às perguntas que te fiz.

A tua mãe gosta de ti? Consegues responder sim a esta pergunta?

Sim.

Apesar dos limites que pode ter?

Sim.

Como é que o podes reconhecer? Porque tens diante de ti uma presença que te ama. Então, torna-se fácil compreender tudo o que Giussani diz sobre o amor de Deus. A única coisa importante para ti, como para mim, é reconhecê-lo, aceitá-lo. Que a tua mãe te ama não é o resultado de um raciocínio e nem sequer é um sentimento; e o facto de que a tua mãe pode ter limites não te deixa menos certa do seu amor. A dificuldade de que falas existe em todas as relações, amiga. A questão fundamental, antes de falarmos de qualquer outra coisa, é se, indo deitar-te hoje à noite, podes dizer que a tua mãe te ama. Como é que podes ter a certeza? O que é que fazes para poder dizer com certeza que a tua mãe te ama? Como é que farias?

Abraçava-a.

E porque é que a abraças quando ainda não sabes se ela gosta de ti? Como é que sabes que ela gosta de ti?

Sei porque ela trata de mim, pela maneira como me olha, pelo que ela faz e ...

Tu vês os sinais que a tua mãe te dá, não é?

Sim.

Não é um raciocínio, não é um sentimento, não é algo que é posto em questão por ver os seus possíveis limites; mesmo com todas as suas limitações, por certos gestos que ela realiza tu percebes toda a paixão da tua mãe por ti, até chegares à certeza de que ela gosta de ti. Esse é o mesmo caminho que os discípulos fizeram com Jesus. Então, a questão é se podemos seguir o mesmo caminho no presente, para chegar ao reconhecimento do amor de Jesus, de Deus. Se não fosse possível, então terias razão. O cristianismo é precisamente como o acontecimento do amor da tua mãe: manifesta-se através de determinados sinais. Tu não podes fotografar o amor da tua mãe, mas podes ver sinais através dos quais ela te mostra, demonstra-te como tu és para ela um bem, como és realmente amada. E isso torna-te mais fácil reconhecer: "Eu sou amada". Insisto, é o mesmo caminho que os discípulos seguiram. A certa altura, tiveram que responder à pergunta sobre o Seu amor por eles, quando Jesus os provocou: "Também quereis ir embora? Não têm a certeza de que vos amo?». "Para onde iremos? Só tu tens palavras que encham a vida» (cf. Jo 6, 67-68). Nalgum momento da tua vida tiveste um sobressalto deste tipo, diante de algum sinal através do qual percebeste este amor por ti? Porque é que és cristã? Porque é que estás aqui esta noite? Eu percebo a tua dificuldade; pensa em alguém como Azurmendi - que vimos na Jornada de início de ano - que toda a vida tinha ouvido falar de cristianismo. Não foi um raciocínio que o comoveu, mas sim o facto de ter encontrado uma coisa que não podia ignorar, uma coisa que não podia reduzir aos seus pensamentos: uma presença que veio ao seu encontro através de rostos. Por isso tu tens que ir pelo mesmo caminho, para ver se encontras sinais de que Deus te ama. E se não os encontras, não podes fabricar tu esses sinais; se a tua mãe não te dá sinais do seu amor, não posso ser eu a convencer-te de que ela gosta de ti, dando-te uma lição sobre o amor ou sobre o sentimento que tem quem é amado. Se uma pessoa não se apaixona, não posso eu fazer com que se apaixone através de um raciocínio - se fosse suficiente, abriria uma agência para quem procura alguém que o ame, e seria um grande negócio! -. O cristianismo não pode ser criado por nós, não podemos fabricá-lo. Por isso, durante o ano, ao estudar o *Gerar rasto*, vimos que tudo começa a partir de um acontecimento; neste ponto 7, Giussani dá este ponto como consolidado, porque precisamente em virtude de um acontecimento podemos reconhecer que "somos amados", como vimos, na medida em que somos escolhidos, preferidos, tornados capazes de um novo conhecimento da realidade, abraçados, perdoados. Tudo o que vimos é um sinal deste acontecimento. Se uma pessoa não o reconheceu, se tu não o reconheces ao longo do caminho da vida, ninguém o pode gerar. A única coisa a fazer, então, é o seguinte: olhar. Olha! Para ter certeza do amor da tua mãe, tens de olhar os sinais. Da mesma forma, vê se na tua vida percebeste que és amada por Deus. Se não o percebeste, mas ficas impressionada ao ver alguém que o reconhece, começa a pedi-lo e está atenta a quem percebe os sinais do Seu amor. Não digo que tens que acreditar por uma coisa que os outros veem, mas que, se prestares atenção, talvez comeces a ver sinais tu também; talvez já esta noite, se olhares com atenção. Bom trabalho, querida amiga.

A propósito do parágrafo 7: «A responsabilidade e a decisão» impressiona-me onde diz: “Nós fomos amados, somos amados: por isso “somos”. Impressiona-me porque não diz: “sentimo-nos amados”, nem sequer diz: somos amados, por isso “estamos bem”, mas põe o sermos amados precisamente como uma condição do Ser, chega a dizer que: “a proporção concreta, traduzida em ato, da nossa pessoa ao mistério do Ser, são indicadas por esta primeira e fundamental lei: reconhecer e aceitar que somos amados”(p.102). Ao trabalhar este parágrafo com o nosso grupo de Escola de Comunidade, cada pessoa contava episódios em que se sentiu amada, e eu dei-me conta do desejo de perceber mais o que isso significa para mim, porque intuo que tudo na minha vida se joga neste reconhecimento. O risco que vejo é o de reconduzir (mesmo inconscientemente) o ser amada a uma

perceção minha, o que é tremendo, porque tudo, mesmo o olhar que tenho sobre mim, se reduz a uma minha medida e, portanto, primeiro que tudo, não se aguenta, porque a uma certa altura uma pessoa embate nos momentos de escuridão, devido às circunstâncias e às relações que não são como querias, a seguir, o horizonte da vida restringe-se àquilo que percebo eu e, no fim, só verifico as minhas tentativas, é como se me tornasse numa criança a fazer birra. Pelo contrário, eu desejo ser grande, no sentido de desejar viver cada vez mais à altura do tamanho do desejo que tenho em mim, porque quero viver à grande e não quero deixar nada de fora, nem sequer um momento de dificuldade como o que estou a viver. Por isso, queria pedir-te ajuda para perceber melhor o que quer dizer reconhecer que somos amados.

Percebeste o desvio que fizeste? Começaste com o "somos amados: por isso" somos "" (p. 102) de Giussani. A certa altura, reduziste tudo ao teu tamanho, a verificar apenas as tuas tentativas. Mas não são as tuas tentativas que te podem introduzir à descoberta de que és amada. O ponto é encontrar uma pessoa ao teu lado que, apesar das tuas tentativas e da tua medida, continua a gostar de ti. Isso já te aconteceu alguma vez? É isto que te desafia constantemente: apesar de tu não conseguires, há alguém que te ama. Se tu não seguires isto, vais continuar a usar a tua medida, vais continuar a verificar as tuas tentativas que não aguentam o embate da vida. É a demonstração de que tu te desviaste do que a Escola de Comunidade propõe. Mas não é preciso assustares-te, porque este risco faz parte do caminho para a certeza, como vês. Tu dizes que o risco é reconduzir seres amada ao teu olhar sobre ti mesma, a uma medida sobre ti. Muitas vezes, em vez de estar constantemente abertos ao amor que outro tem por nós, a tentação numa relação afetiva é julgar o amor que o outro tem por nós com a medida do que conseguimos nós fazer. Mas seguindo a tua medida não consegues. Perceber isso é precisamente o trabalho a que a Escola de Comunidade nos convida.

Diante da situação cada vez mais complicada e problemática de algumas relações significativas, há apenas duas possibilidades: 1) Continuar a analisar o problema de todos os pontos de vista, para ver de quem é “a culpa” daquilo que está a acontecer, sem encontrar uma saída. Como um gato cada vez mais enrolado num novelo de lã. 2) Ou olhar para a Escola de Comunidade, o único lugar onde consegui encontrar um fôlego, uma libertação na exaltação da minha pessoa: “Fomos amados, somos amados: por isso ‘somos’”. Esta afirmação é verdadeiramente “original”, no sentido em que remete para a origem, mas quantas vezes não me dou conta disso! Se já sou amada... porque é que não o vejo, porque é que estou tão distraída? Porque é que tento viver daquilo que não me “satisfaz” e me deixa o coração vazio? Ou, pior ainda, me dá uma inquietação em que me parece que estou viva porque, como Marta no Evangelho, me ocupo com muitas coisas, mas sem as apreciar? Só quando tomo consciência do facto de que o meu coração respira quando Te reconhece, Senhor, é que toda a minha vida, todas as fibras do meu corpo, do meu ser, tendem para Ti; têm a exigência de não se perderem noutras coisas. Na situação atual a tua promessa está próxima de mim neste Advento, como a estrela dos Reis Magos: “...decidiu vir viver para o meio de nós, habitar comigo e falar-me familiarmente com as suas palavras [...] provenientes do eterno, do profundo do Ser do qual me fez partícipe”(p.102). O que posso eu fazer senão deixar-me provocar e persuadir por uns votos de Natal tão bonitos? Posso deixar de suplicar ao Senhor para que estas palavras (as Suas palavras) se tornem carne em mim? Tenho alguma coisa mais importante a esperar, a viver, a comunicar do que: “A palavra faz-se carne mais uma vez” para que eu não me perca, não perca a minha estrada? Ele faz-se novamente presente para que eu O reconheça; é-me dado novamente numa história para que Ele me alcance de modo concreto aqui e agora. Por isso agradeço ao Senhor pela Sua paciência, e ao Movimento que não se cansa nunca de mo repetir durante três semanas seguidas com este texto, para que a dada altura eu possa conseguir contemplar este dom único. E o resto se verá...

Este é um exemplo da forma de fazer Escola de Comunidade, porque, como vimos antes, podemos ler uma coisa, mas verificamos outra; e então desviamos-nos, e por isso o que verificamos não é a fé, não é o cristianismo, não é Cristo, mas as nossas tentativas, que estão falhadas à partida e não resistem diante da situação, ou diante das relações significativas: o marido, os filhos, os amigos e assim por diante. Mas temos sempre outra opção, em vez de continuar a flagelar-nos porque as nossas tentativas falham e a procurar quem é o culpado. Esta é a promessa da Escola de Comunidade: em vez de olharmos para o nosso umbigo e para o que conseguimos fazer de acordo com a nossa medida, temos a oportunidade de olhar para outro lado. Isto é fundamental, porque se não há uma presença, se não há um lugar que constantemente nos faz mudar, estamos acabados. Se os que entrevistaram esta noite não tivessem tido a oportunidade de estar aqui, num lugar que nos desvia da forma habitual de agir, teriam continuado a pensar que estavam a fazer Escola de Comunidade, empenhando-se apenas em torno das suas próprias tentativas e não seguindo o que afirma a Escola de Comunidade. Assim que se começa a perceber, o “teste” da Escola de Comunidade - todos podem fazê-lo em casa ou no trabalho, com os filhos ou com o marido, com qualquer pessoa - é que começam a respirar naquilo que vivem, experimentam uma libertação, uma exaltação da sua pessoa. Isto significa que temos à nossa frente duas hipóteses de como fazer o trabalho da Escola de Comunidade. Se estão aqui, todos já fizeram Escola de Comunidade seriamente pelo menos uma vez, caso contrário, não teriam sido capazes de escrever os vossos contributos ou de dizer o que disseram. A questão é que podemos ler o texto e não deixarmos que ele mude a nossa posição. Mas assim que alguém se deixa comover, começa a ver a promessa a cumprir-se; para isso é útil fazermos Escola de Comunidade juntos, porque podemos ajudar-nos constantemente a sair da nossa medida. Podemos fazer o que quisermos com o texto; por isso, é necessária no presente uma presença irreduzível, que nos impede de engolfar o texto e com isso perder o melhor. É como se tu tivesses ao teu lado a tua mãe que, diante das tuas manias, das tuas medidas, continua a gostar de ti e a desafiar-te com a sua presença, como Jesus desafiou os discípulos. O cristianismo é esta presença na história, é um lugar como este, onde somos constantemente colocados diante de algo irreduzível, que não nos permite fazer prevalecer a mentalidade de todos (porque no final todos se medem pelo que conseguem fazer). Mas se pudéssemos ter sucesso na vida com o que fazemos, não haveria necessidade de Cristo! Cristo prometeu-nos que, se O seguirmos, começaremos a ver o que acontece de novo na vida. Qual é o sinal de que estamos no caminho indicado por Ele? A correspondência com a nossa espera estrutural. Porque é que fazes este trabalho da Escola de Comunidade? Para poder respirar, para te sentires verdadeiramente amada. Portanto, só se fizermos o caminho - *don* Giussani foi sempre único na ajuda neste caminho - poderemos experimentar no presente o que os discípulos puderam experimentar na relação com Jesus; não é como se eles não tivessem cometido os mesmos erros que nós, não é que eles não se desviaram, como nós, sobre a sua ação - por exemplo, queriam fazer cair raios sobre os samaritanos que não se tinham convertido, queriam determinar quem entre eles era o maior, discutiam tudo - , mas estava lá sempre uma Presença que introduzia um olhar diferente sobre tudo. E então uma pessoa vê que isso corresponde ao que deseja: ser amado. E assim começa a "ser" de maneira diferente.

Na Escola de Comunidade leio que “se “eu sou” porque “sou amado”, o grande problema [...] é a minha resposta: a minha resposta ao Tu que me ama, o meu corresponder, a minha valorização daquilo que Ele criou originalmente em mim precisamente para que eu me pudesse dar conta d’Ele”. Não queria matar este passo com uma intuição que não me parece bem definida. Se não compreender bem, o risco é oscilar entre uma exaltação equívoca da minha humanidade e um esforço voluntarista. Podias ajudar-me a aprofundar esta “valorização”? Muito obrigado

Veem? O que a primeira intervenção disse é verdade, partimos de um facto: se existo, é porque sou amado; sou amado e, portanto, sou. É assim, quer tu te dê conta quer não. A minha mãe gosta de mim mesmo que eu não perceba, como acontece com muitos filhos, que às vezes precisam de tempo para o reconhecer. Somos amados. O Mistério não nos pediu licença para nos amar, enviou o Seu

Filho e continua a tomar iniciativa, como veem, chega até nós através de tantos sinais - cada vez que nos encontramos surge uma torrente de sinais da iniciativa que o Mistério continua a tomar conosco -. Isto é um dado de facto, como dizia a primeira intervenção. É um dado de facto. Portanto, este não é o problema. A questão, "o grande problema", é a minha resposta, isto é, que eu me dê conta dele e responda. O cristianismo valoriza tudo aquilo de que preciso para "me dar conta dEle": todo o potencial do meu eu, todos os dons que tenho em mim são exaltados; na verdade, se eu não me envolver com toda a minha humanidade, ainda que o amor de Deus por mim continue a acontecer, não me dou conta dele. É por isso que o ponto que tu sublinhaste é fundamental: é "o" grande problema. O amor de Deus é um dado de facto, "o" grande problema é a minha resposta, ou seja, que eu me dê conta e o reconheça. E como é que o reconheço? Com o que posso verificar se me corresponde. Quando experimento que estou livre e respiro, o que é exaltado, valorizado? O meu coração. O meu coração exalta-se quando respiro. Quando eu o reconheço, o que é exaltado? A minha razão, que me permite reconhecê-lo. Quando adiro ao acontecimento porque não quero perdê-lo, o que é que o fato cristão está a valorizar? A minha liberdade. E quando Cristo me "cola" a Si, o que é que Ele está a valorizar? A minha afeição. É todo o eu que é valorizado no facto cristão! Por isso, não basta que o facto exista. O facto tem de fazer movimentar-se verdadeiramente todo o eu no seu íntimo, deve colocar em ação e despertar todos os aspetos do ser que eu sou, porque só assim posso compreender verdadeiramente o que significa ser amado. Caso contrário, amigos, as frases da Escola de Comunidade são frases que não nos tocam, e por isso continuamos a viver de acordo com outros parâmetros, sem sequer nos darmos conta disso. Por isso, vemos agora em ação o resto do capítulo: a valorização de cada aspeto do nosso eu.

Trabalhando o parágrafo 7 do capítulo 2 sobre a responsabilidade e a decisão, percebi que não conseguia seguir os passos que Giussani dá. Durante a EdC percebi que não estava a chegar lá. Não consigo perceber porque é que Giussani liga responsabilidade ao facto de ser amado. Para mim, responsabilidade é uma questão de vontade. Exemplo: caso-me e constituo família, isso significa assumir responsabilidades. Faço uma coisa no trabalho e sou responsável por ela. O facto de sermos amados é muito bonito, mas não tem muito impacto na minha vida. Quer dizer, sinto-me amado, mas isso não muda a minha vida. Não consigo ver a magnitude desta coisa, mas agora já não dá para fazer de conta. Gostaria de ter uma consciência profunda deste amor de que sou objeto e explico porquê. Neste período tivemos a graça de participar de um grande acontecimento através de uma senhora de 40 anos que, graças a um encontro com o nosso padre Luigi (falecido há pouco mais de um mês), se batizou. Estamos diante de Cristo que agarrou uma pessoa e assim se torna próximo, evidente. Mas mesmo diante deste facto sou sempre eu quem decide e assumo a responsabilidade de o seguir. Agradeço ao Senhor por este presente, realmente, mas não me faz pensar que seja um gesto de amor por mim. Para mim, o problema é que ser amado e sabê-lo não mudam a minha vida. Que maravilha deve experimentar uma pessoa que existe porque se sente amada!

É mesmo isso, portanto vejamo-lo! Mas, primeiro, há outros para os quais a mesma questão permanece em aberto: que a vida não muda.

“A natureza da decisão não é um ato energético da vontade” (p.105). “A decisão não pode ser tomada num sentido voluntarioso” (p.103). Diante destas frases do ponto 7, posso dizer que estou de acordo, posso dizer que que elas são libertadoras, porque tornam o peso do meu esforço mais leve. Posso dizer que é melhor ceder a uma simpatia do que andar à procura do sucesso pessoal... Em suma, sou levada a confirmar aquilo que li, pois parece-me justo e bom. Mas há sintomas que continuam obstinadamente a manifestar-se, e que criam em mim um contínuo estado de insatisfação: não mudo nunca, caio sempre nos mesmos erros, ainda sou assim com a minha idade! A minha vontade está no centro da minha atenção, ainda que eu pense que sei que a decisão não é uma ação voluntariosa. A confirmação bloqueia-me, parece que volto ao que "já sei", apercebo-me de que há um passo que é preciso dar, de outro modo só resta a medida do meu limite. Qual é esse passo? Como é? Obrigada.

Alguém descobriu a ligação entre ser amado e a mudança, surpreendendo-se com isso?

Eu, num facto simples. Também eu, ao trabalhar este parágrafo, fiquei um bocado bloqueada na decisão da liberdade. Ou seja, Giussani afirma que “a responsabilidade se exprime como decisão da liberdade diante da Presença reconhecida como totalmente correspondente ao destino da pessoa. Mas muitas vezes, a nossa forma de conceber a decisão da liberdade é errada, como se esta fosse um ato determinado, em última instância, por mim: eu decido” (p.103), isto é, um ato voluntarioso. Parece-me que existe um mal-entendido subtil sobre o facto de que sou eu quem decide. Aqui ele quer destacar, parece-me, de onde é que vem a decisão: da ternura, aquela ternura e simpatia humana que Pedro tinha por Cristo; portanto é uma minha decisão (à qual posso sempre dizer não), mas a origem é uma afeição; e não é que todas as manhãs a minha decisão tem que nascer do nada, porque nasce de uma história. Eu percebi melhor isto por causa de um facto que aconteceu. Há poucos dias tive uma conversa com o professor de uma das minhas filhas, e durante a conversa ficou claro o cuidado que ele tem com os alunos e a preocupação que tem com que eles se sintam 'esperados por alguém'. Na verdade, a minha filha fala-me dele como um professor que realmente se preocupa com eles; estuda as matérias deste professor com paixão e ai de não fazer os trabalhos de casa, os seus trabalhos de casa! Ela tem a percepção de alguém que está à espera dela, e se alguém está à tua espera, tu acordas de manhã e chegas a horas às aulas, se no cinzentismo das horas de escola há um imprevisto destes, uma pessoa mexe-se. Portanto, a nossa disponibilidade não é um esforço, mas é gerada por uma atração, por um affectus, como o de Pedro. Gostaria que tu aprofundasses mais este aspecto.

Não, não, não há necessidade de aprofundar, porque as coisas são tão simples! O problema é que nós ficamos paralisados porque pensamos que somos nós que produzimos a mudança; em vez disso, a mudança é como a surpresa de qualquer coisa que acontece seguindo uma atração. Se tu quisesses forçar voluntariosamente a tua filha porque aquela atração te parecia demasiado pouca coisa para a fazer mexer-se, depararias com um muro. Em vez disso, ela, precisamente ao estar diante de uma atração, não perde a oportunidade de se pôr em ação: "Ai de não fazer os trabalhos de casa!" De onde vem esta mudança? Vem de ser amada, do juízo de estima que sente sobre ela. E isso não torna a resposta mecânica, mas exalta e valoriza toda a sua liberdade, toda a sua afeição e leva-a a estudar e fazer os trabalhos de casa. É isso que muda a vida. *Don* Giussani dá o exemplo daquele rapaz com tantos limites que quando se apaixona - mesmo se a rapariga lhe disser não - a mãe, que o conhece muito bem, percebe: com o tempo não pode deixar de reconhecer que o filho mudou por causa do amor que tem pela rapariga, a única coisa que pode mover o centro do eu. Por isso, o que *don* Giussani afirma é crucial: "A responsabilidade [...] assegura o resultado [a pessoa tem de se envolver, porque não pode ser uma coisa mecânica] de uma experiência de correspondência" (p. 102) que faz diante de uma atração. Se uma pessoa se limita a olhar os touros da bancada, não poderá saborear o gosto da vida. Aliás, é nessa resposta - como a da tua filha, levada pela atração que segue na escola - que está "a principal fonte [atenção!] do gosto da vida [não percebemos o que estamos a perder!]. Se [tu] não és responsável [se ela não se entrega, se ela não se envolve com aquela atração] por aquilo que te dá prazer [não naquilo que não te dá prazer] ou que te atrai [não naquilo que te custa mais], se tu não participas nisso de alguma maneira com responsabilidade, não é teu [não vai ter prazer ao fazer os trabalhos de casa]. Por isso o paraíso [o paraíso que começa aqui] implica a tua decisão, implica a [tua] responsabilidade: porque o paraíso é para o homem e o homem é livre" (p. 103). Aqui está a valorização, de novo, do homem. Se cada aspeto do eu não for valorizado, nada se pode tornar nosso.

Também eu me junto ao tema da responsabilidade e da decisão: Impressionaram-me algumas passagens do capítulo que estamos a trabalhar. Quando diz “Mas, muitas vezes, a nossa forma de conceber a decisão da liberdade é errada [...], eu decido dizer «seja feita a tua vontade». Não, é outra coisa. [...] não pode ser [...] sinónimo de força de vontade. (p.103).” Para Pedro, era uma amizade que não dependia dele, mas [...] tinha sido feita nascer nele. (p.105). “A decisão, portanto, nasce como o estabelecimento de uma simpatia” (p.105). Retomar estas passagens põs-me um pouco

em crise: quando me parecia que tinha percebido como "funciona" a relação entre o meu eu, com o seu desejo insuprível de ser feliz, e o Mistério, que só ele o pode cumprir, chega esta definição de liberdade que, contrariamente ao que nos é continuamente propagandeado e que, portanto, impercetivelmente foi entrando em mim, não tem nada a ver com expressões tipo "eu escolho, eu esforço-me, etc.". Pôs-me em crise porque parece que a liberdade assim descrita é sobretudo fruto da Graça e, portanto, um dom gratuito, por isso poder-se-ia dizer que pouco tem que ver com a minha decisão de aderir ao Mistério presente na realidade. O problema não é que faltem os sinais de que Ele está presente: na experiência de cada dia e nos testemunhos que nos são propostos pela nossa companhia, se paro para olhar para eles, é verdade que é simples reconhecê-Lo. Mas o aderir, o seguir, estão ainda dependentes do meu "sim", entendido sempre como "devo esforçar-me mais", "eu ainda traio tudo isto muitas vezes, sou frágil", "em que coisas devo melhorar a minha adesão", etc. E, no entanto, se olho para a minha história em alguns momentos decisivos da minha vida, em que foi mais evidente, mais cristalino, que aquilo que me acontecia era para mim, para que eu fosse mais feliz, para que pudesse aderir mais a Ele, quando me era pedido que seguisse, eu, e os meus amigos sabem-no, em vez de dizer "sim", respondia "porque não?". Ou seja, "se dissesse não, seria pior para a minha humanidade, renunciaria a uma ocasião de ser mais eu mesmo e, portanto, feliz". E esta posição superou as mil objeções e medos que acompanhavam inevitavelmente estes momentos. Não tiravam as dificuldades, mas nunca me arrependi de ter respondido assim. Peço-te uma ajuda nisto com duas perguntas, (que já foram em parte respondidas). Em que sentido a graça de uma "simpatia que se estabelece", em que sentido não é uma alternativa à liberdade, mas a sua expressão mais plena? Como não me deixar "enganar" por uma resposta ao "Tu" que me ama confiada à minha força de vontade que, aliás, nunca é suficiente, porque, como vemos, é frágil?

Tu recebeste a graça de ser amado?

Oh, sim, imenso!

"Oh"! E isso foi uma alternativa à tua liberdade ou foi precisamente o que suscitou a tua liberdade? Nós pensamos: ou é graça ou é liberdade. Em vez disso, a questão é que, quando tu conhecestes a rapariga que viria a ser tua mulher, nenhuma outra coisa provocou mais a tua liberdade do que a presença dela, a sua beleza, a sua atração. Percebe-se? A presença deste dom, desta graça avassaladora, foi o que mais moveu a tua liberdade. Este é apenas um pálido reflexo do que aconteceu com o irromper na história do acontecimento cristão: quando os discípulos encontraram Cristo, quando nós encontrámos o acontecimento cristão, foi a Graça feita carne que suscitou toda a sua e nossa liberdade. Se estamos todos aqui esta noite, é só por esta Graça que assumiu um rosto, um nome, que se fez carne e continua a habitar entre nós para suscitar a nossa adesão. Através desta dinâmica, o Mistério colabora para a nossa salvação, porque sem o estabelecimento desta simpatia a liberdade não se move e, portanto, não há decisão.

Sexta-feira, no encontro dos liceus houve os testemunhos do Giorgio Vittadini e da Mireille, dos Camarões (por causa da iniciativa das Tendas de Natal da AVSI). Enquanto um deles estava a falar, escreve-me a mãe de um aluno meu a perguntar: "Quem é este senhor que está a falar?". Eu fiquei um pouco embaraçada: ela não é do movimento, o filho não está nos Liceus (GS), só a conheço porque a sua filha mais nova está na mesma turma de uma das minhas filhas. Verifico os participantes na reunião e vejo que, realmente, o meu aluno está ligado, mas não sei sequer por quem foi convidado. Respondo: "Giorgio Vittadini". Ela diz-me; "Interessante o que diz". Depois fala a Mireille e a certa altura escreve-me outra vez: "Esta mulher é estupenda e é incrível como se consegue exprimir tão bem, mesmo não sendo italiana. Vê-se mesmo que o que diz é verdadeiro!". Depois aconteceu-me um problema em casa e não continuei a seguir o encontro; tive que me desligar. À noite escrevi-lhe para perguntar se por acaso ela tinha continuado ligada. Escreveu-me "Foi um testemunho intenso e comovente. Fiquei a ouvir até ao fim. Obrigada". Espantou-me imenso, porque me parece a mesma dinâmica do início do Azurmendi, de Pedro, e também minha.

Vês? O que é que prendeu aquela pessoa àqueles dois amigos que ela não conhecia? Ela não fez um curso de introdução ao conhecimento das pessoas, simplesmente viu-se diante de dois desconhecidos

e não conseguiu evitar ser levada por eles, permanecendo colada ao vídeo até ao fim. Os últimos a chegar documentam a simplicidade do facto cristão, que acontece assim. A graça desta simpatia que se estabelece por uma pessoa leva depois a aderir, a não desligar o *link* até acabar. Para aquela mãe, não se tratou de um apego sentimental ou de um fenómeno emocional; foi um fenómeno da razão, uma manifestação daquela razão que te liga à pessoa que tens diante. Mas às vezes temos dificuldade em perceber, não é?

O que é que significa que «ali onde se gera uma relação que chega até uma simpatia profunda, [...] a racionalidade é um acontecimento»?(p.105) Pergunto-te porque nestes últimos tempos, a minha pequena cidade, o trabalho na minha pequena escola, a minha pequena companhia de amigos parece que são demasiado pequenos. Se olho para como me movo, não posso negar que há um ponto de afeição a partir de um encontro que fiz: a verdade que procuro no diálogo com os colegas, o tempo que gasto para preparar a vigília de Natal com a minha escola de comunidade, o meu desejo de seguir as perguntas que nascem nos meus alunos e nos rapazes dos Liceus (GS). Tudo me fala de uma simpatia por um ponto que, em última análise, me determina. Mas depois penetra a razão, que dá lugar a uma objeção: “Mas isto não pode ser tudo, sempre quiseste viver numa grande cidade, com uma grande companhia e em vez disso, vê quantos defeitos têm estas pessoas; tens 26 anos e ainda não tens um trabalho estável e uma família, como sempre desejaste”. E então vem a preocupação com o futuro: “O que posso fazer para que a minha vida encontre estabilidade no próximo ano?” A minha razão parece impedir que eu possa viver plenamente a afeição a Cristo. Para além disso, ao ler o livro do Azurmendi, percebo que para ele não é assim. Quanto mais aplica o uso da razão para descrever, explicar, perceber o que vê nas pessoas e nos lugares que encontra, mais a sua afeição parece crescer. Nele, razão e afeição vão a par e passo. Que inveja! Percebo que a racionalidade não pode corresponder a pensamentos, mas como posso fazer com que a afeição, a simpatia, que apesar de tudo vejo em mim, esteja unida à minha razão? Que coisa significa que a racionalidade é um acontecimento? A mim parece-me que a racionalidade é uma coisa que vem da minha cabeça. Obrigada porque me permites não deixar cair nada de mim, mas tudo pode tornar-se pergunta neste lugar.

Apanhaste um ponto crucial, querida amiga, e exprimiste-o com uma frase: " A minha razão parece impedir que eu possa viver plenamente a afeição a Cristo ", mas acrescentaste: " ao ler o livro do Azurmendi, percebo que para ele não é assim ". Na verdade, Azurmendi, usando a razão de certa forma, não só a razão não o impediu, mas prendeu-o cada vez mais ao que via. Qual é a relação entre a afeição e a razão? Para que a razão não se tornasse medida, ele teve que ceder à afeição que sentia, em vez de se desligar dela, como acontece contigo. Se a filha da nossa amiga que interveio antes se afasta da afeição pelo professor, ela não usa bem a razão. É a afeição que te impede de reduzir a razão a medida. Por isso é o estabelecimento de uma amizade, de uma simpatia, o que nos faz usar bem a razão segundo a sua natureza, como uma abertura total à realidade. Sabes onde se chega ao auge da racionalidade, segundo Giussani? Em João e André. João e André estiveram colados, presos a Jesus durante toda a tarde e isso permitiu que saíssem de sua casa dizendo: «Encontrámos o Messias». Vê-Lo falar, a sua afeição, estarem ligados, colados, permitiu que a sua razão se alargasse - de acordo com a sua natureza de abertura - à totalidade da realidade daquela Pessoa que nunca mais largaram. É por isso que não é razão se for separada da afeição. Somos basicamente racionalistas e falta-nos sempre a peça da afeição, que é um obstáculo para a mentalidade racionalista. Em vez disso, quando vemos que uma pessoa inteligente como o Azurmendi, que tem todas as características de um homem absolutamente racional, deixa que toda a sua razão seja dilatada, ampliada pela admiração por um facto, a ponto de o seguir, isso é a racionalidade. Devemos tomar consciência de que esta é a grande regra, a grande sugestão de método que o carisma nos oferece para fazer o nosso caminho. Porque uma pessoa pode, um instante depois de ler o livro do Azurmendi, voltar-se para o outro lado e continuar a verificar apenas a sua tentativa com a própria medida; uma pessoa não se pode ligar afetivamente a uma coisa e, depois, raciocinar desligando-se daquilo que esse afeto lhe causa. Vês? Estamos divididos. Portanto, se não há uma coisa que facilita a unidade do eu (que é a única forma

de conhecer adequadamente), se não há um acontecimento presente (como estudámos na Escola de Comunidade) que favorece constantemente o conhecimento novo, no fim reduzimos o cristianismo a sentimentalismo e a razão a racionalismo. Em vez disso, a genialidade de Giussani é seguir a experiência. De facto, como vocês testemunham, seguindo o carisma com simplicidade, tudo pode acontecer. Mesmo numa situação em que pareceria aparentemente impossível.

Queria contar-te dois episódios que aconteceram com a minha mãe, que relacionei muito com o ponto que agora trabalhamos na Escola de Comunidade. A minha mãe é da Fraternidade, mas há 20 anos que não consegue ir aos encontros ou retiros por causa da sua situação de saúde. Há umas semanas, os nossos amigos de Espanha fizeram, durante o EncuentroMadrid, um serão de cantos. Por causa da emergência de saúde pública, o serão fez-se online, e vi-o com a minha mãe. Impressionou-me o facto de ter apreciado o nosso Fado, mas quando se comoveu mesmo foi no último canto do serão, “La strada”, em que os nossos amigos juntaram toda a gente a cantar com o Benedetto Chieffo. A minha mãe até tentou cantar (!), comovida até às lágrimas. Eu pensei: “isto é um juízo”. E ali tornou-se mesmo evidente como o juízo não é a “formulação intelectual” de uma opinião sobre a realidade, mas um gesto do coração, que se percebe correspondido nesta estrada de graça: como me testemunhou a minha mãe! Não há desculpas! Apesar de acamada há vinte anos, o seu coração não se cansa, não falha! Ecoa a tua insistência na Jornada de Início de Ano sobre o olhar, porque deixar-se gerar tem este ponto prévio, que se torna afeição. Há uns dias, tivemos o retiro de Advento da Fraternidade (por zoom), em que participei com a minha mãe. Assistiu a tudo, lição e assembleia! Impressionou-me o que a Escola de Comunidade diz de Pedro [p. 104]: «não era uma ligação sentimental, um fenómeno emocional; era um fenómeno de razão, uma manifestação daquela razão que te «prende» à pessoa que está à tua frente, na medida em que é um juízo sobre a estima»; e a seguir diz: «O “sim” de Simão não foi o resultado de uma força de vontade, não foi o resultado de uma “decisão” do homem Simão: era o emergir, o vir à tona, de todo um fio de ternura e de adesão que era explicado pela estima que tinha por Ele (por isso era um ato de razão) graças à qual ele só podia dizer “sim”»(p.105). Foi precisamente isto que aconteceu à minha mãe, na cama, e sem dizer uma palavra! E eu pensei: “que quantidade de “mãos-cheias de cola” que a minha mãe viveu e continua a viver (mesmo depois de vinte anos a não ir aos momentos da comunidade), na amizade de tantos amigos e da família, na relação muito sua com Jesus, para fazer sobressair, neste momento tão inesperado, esta simpatia profunda, um juízo afetivo que me ajuíza também? Que se pode objetar? O que é que se pode achar que ainda falta? O que sé que nos pode deter? Não o digo com escândalo, mas mesmo provocada por estas coisas, que sinto que me são dirigidas, como me provoca a tua companhia, Julián, que olhas tudo o que nos acontece – mesmo este misterioso e doloroso período de pandemia – como uma possibilidade boa que continua a ser oferecida à liberdade, uma possibilidade nova de me jogar mais uma vez, de desafiar o nada de todas as minhas imagens, projetos e opiniões e também o peso das circunstâncias, para dizer: “Eu” diante de um Tu cada vez mais familiar, concreto, real e pai. Obrigada.

Obrigada a ti, querida amiga. Nenhuma condição, nem mesmo estar presa na cama há vinte anos, pode evitar o sobressalto da tua mãe que provoca o seu "sim", pois não é um esforço de valentes, mas, como para Pedro, de "vir à tona, de todo um fio de ternura e adesão que se explicava pela estima que tinha por Ele”(p. 104). Como dizias, o espanto inicial de Pedro não foi uma questão sentimental, mas um juízo que se tornava um apego, um juízo que era como que uma cola, um juízo que colava Pedro e os discípulos: todos os dias acrescentavam "camadas de cola", e já não se conseguiam libertar. É isto que permite seguir o acontecimento presente mesmo depois de vinte anos numa cama, podendo ver a vida mudar até às lágrimas, como com a tua mãe. Esta é a promessa que Cristo nos faz, qualquer que seja a situação em que nos encontremos.

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, dia 20 de janeiro de 2021, a partir das 21h.

Neste mês trabalharemos o ponto 8 do segundo capítulo do livro *Gerar rasto na história do mundo*, intitulado: “A forma concreta da eleição é o templo no tempo”.

Livro do mês. O livro do mês para janeiro será o meu texto sobre educação, publicado pela Lucerna, intitulado: *Educação, comunicação de si próprio*.

Propomo-lo a todos porque sabemos bem, como percebemos também hoje por algumas das intervenções, que a educação não é um tema para "peritos". Todos nós, de facto, somos de alguma forma educadores, porque em cada nossa ação expressamos quem somos, sobre o que é que nos apoiamos. Ou seja, como dizia *don Giussani*, “a educação é comunicação de si próprio” e esta é a maneira como ultimamente incidimos sobre o mundo em que vivemos, contribuindo assim para o “Pacto Educativo” desejado pelo Papa Francisco, para “formar pessoas maduras” capaz de “reconstruir o tecido de relações para uma humanidade mais fraterna” (Mensagem de lançamento do pacto educativo, 12 de setembro de 2019).

A educação é uma dimensão permanente da pessoa e com esta leitura, muito breve, queremos ajudar-nos antes de tudo a darmos conta disso.

Campanha de assinaturas *Tracce: Quem tem um amigo dá um tesouro*. Nas últimas semanas, muitas pessoas aderiram à campanha de assinaturas da *Tracce*, que possibilitava oferecer uma assinatura a um amigo a um preço muito vantajoso. A promoção, que terminou ontem, foi excepcionalmente reativada até sábado, 19 de dezembro. Aqueles que ainda não o fizeram podem aproveitar esta oportunidade por mais alguns dias.

Estamos próximos do Natal, por isso pedimos a Nossa Senhora que estes dias nos encontrem prontos, atentos, com aquela simplicidade de espírito, cheia de desejo, que brota da certeza de sermos escolhidos. Como também vimos esta noite, podemos deixar-nos levar quando nos deparamos com uma presença verdadeira. Por isso, vivemos este tempo como a oportunidade que o Mistério nos oferece de tomar consciência da Sua presença entre nós - porque se não existisse uma realidade humana concreta viveríamos no mais absoluto esquecimento - para não cair no esforço voluntarioso e para poder ser sustentados naquela simpatia que tudo leva consigo. É um facto, pequeno como uma criança - um "sopro", dizia *Giussani* -, mas que nos surpreende e cativa, porque é capaz de intercetar e corresponder a toda a nossa humanidade. Porque o Natal, no fundo, simplifica tudo, um acontecimento simplifica tudo, como vimos em alguns dos testemunhos de hoje. É uma reviravolta de método: já não o esforço para conseguir, mas a simplicidade de um encontro que nos atrai e ao qual aderimos para não o perder.

A todos um Feliz Natal!

Veni Sancte Spiritus